



A ilação prática decorrente do novo paradigma é que, hoje, é mais importante transferir informações e educar a população para a saúde do que somente assisti-la. O novo paradigma socioecológico não substitui o biomédico: ele o engloba, o amplia e exige dele qualidade.

## UM NOVO PARADIGMA

O Estado de S. Paulo  
Artigo publicado em 17.06.94

Diário do Povo  
Artigo publicado em 24.03.95

Existe um novo e melhor modo de avaliar a questão da saúde e da doença, que vem sendo usado e aceito pelas mais proeminentes instituições internacionais da área, substituindo os tradicionais índices de mortalidade por outros, que levam em consideração o cálculo de anos de vida perdidos e a qualidade de vida. Uma doença que tira a vida de um cidadão aos 65 anos, num País onde a esperança média de vida é de 72 anos, lhe roubou 7 anos: uma outra doença, nesse mesmo País, que o faz sucumbir aos 32 anos, lhe tirou 40 anos. São mortes com valores diferentes para o indivíduo e para a sociedade. Por outro lado, curar o doente e lhe devolver a plenitude das suas atividades tem mais valor do que mantê-lo vivo, mas incapacitado.

Foi completamente alterada a hierarquização dos fatores que mantêm a saúde ou que causam doença e morte com essas novas formas de avaliação. Os hábitos de vida e reprodutivos passaram a ser responsáveis por 50% dos anos de vida perdidos: o meio ambiente e sua influência sobre as pessoas, por 20%; a genética, por outros 20%; e o sistema de saúde, que tem sido a principal

preocupação, apenas por 10%.

Essas pesquisas deverão revolucionar os fundamentos da medicina e, portanto, o seu paradigma. Passa-se de um conceito biomédico e cartesiano, amplamente aceito, para um paradigma socioecológico, que recupera o modelo chinês, e mesmo o hipocrático, de saúde e doença. De acordo com este último, que nasceu 400 anos antes de Cristo, na ilha grega de Cós, a saúde resultava do equilíbrio do indivíduo com os fatores ambientais, como vento, temperatura, água, solo e comida e do modo de viver e de se reproduzir, que não é outra coisa senão o estilo de vida.

Disso ocorre grande relevância à preservação primária relacionada com os hábitos de vida mais do que a própria detecção precoce das diferentes enfermidades, também chamada de prevenção secundária.

A ilação prática decorrente do novo paradigma é que, hoje, mais importante transferir informações e educar a população para a saúde do que somente assisti-la. O novo paradigma socioecológico não substitui o biomédico: ele o engloba, o amplia e exige dele qualidade.

Por esses novos conceitos em prática é simples e tem uma única direção – e educacional – e múltiplas facetas desde o ato médico, que, para ser completo, deve incorporar transferência de informações, o que significa diminuição do excessivo poder médico, criticado por Foucault, até o papel responsável da mídia, como prestadora de serviço, passando pelas escolas e salas de espera de ambulatórios e hospitais, onde se deve exercer uma tarefa pedagógica em saúde. O cidadão, informado e educado, tornar-se-á o seu próprio agente de saúde, consciente também de que saúde é um direito e não favor, como tem rezado, distorcidamente, a cultura nacional. Trata-se de mudança política e cultural e por isso, difícil, mas que, se concentrada, proporcionará um relevante avanço em saúde e qualidade.